



Inspiração Miscelânea

Jornal feito em parceria com o Diretório Acadêmico de Arquivologia
Gestão 2009-2010 – Ed. nº2 – Outubro de 2010

EXPEDIENTE

Coordenação

Bruno F. Leite

Divulgação e diagramação

Alessandra Perez

Flora Sineiro de Souza

Revisão

Profa. Rosale de M. Souza

Entrevistas

Edgar de C. Santana

Fernanda Blanco

EDITORIAL

Fazemos questão de iniciar esta segunda edição do *Inspiração Miscelânea*, expondo nossa grande satisfação para com a boa aceitação dos leitores quanto à nossa iniciativa de bolar um jornal, ou melhor, um periódico mensal. Desta forma, busca-se um jornal que trate da circulação de idéias que tangenciem o nosso universo da Arquivologia e, quem sabe, inspirar novos questionamentos!

Refletindo junto à equipe, compreendemos que seria bom reafirmar e explicar nossas intenções no que diz respeito ao jornal, ou seja, buscar evidenciar uma linha editorial. Observamos a importância de um perfil para o jornal, tanto para nortear os interessados em escrever para o jornal (escrevam!), quanto para termos nossas intenções mais claras para todos.

Portanto, concordamos nas seguintes diretrizes:

1) Nosso jornal será um espaço de livre circulação de idéias e opiniões, porém estas deverão, no mínimo tangenciar a Arquivologia e/ou suas questões;

2) Toda e qualquer opinião será respeitada e devidamente publicada. Ressalvamos, contudo, que toda e quaisquer opiniões e críticas devem ser fundamentadas com fatos, dados ou pontos de vista de outros

autores. Por exemplo, textos, notícias de jornais e demais registros. Não objetivamos com isso realizar censura a determinados textos ou autores, buscamos apenas dar um norte aos textos, e que os mesmos tenham fundamentos claros;

3) Nosso público-alvo, assim como nossos colaboradores, serão os discentes, docentes e os arquivistas formados do nosso curso de Arquivologia;

4) Temos como objetivo manter uma linguagem leve, reflexiva, e crítica, podendo ser no estilo de uma matéria informativa, opinativa, uma crônica, uma poesia, etc

Nesta edição, contamos com os textos "'A Revelação da Verdade Supra-sumo', de Chica Blanco; 'Uma Arquivística "tranquila"', de João Marcus F. Assis'; e 'Homem-X. Arquivo-X. Homem-X, Y, Z?', de Bruno F. Leite';

Por fim, esperamos que este exemplar seja útil, pois ele pretende demonstrar ser bastante reflexivo às questões de grande relevância para a nossa área. Antes de registrar o ponto final, lembramos que aguardamos por seu texto.

A Revelação da Verdade Supra-sumo

Por Chica Blanco*

Era uma adolescente três verões mais jovem quando este episódio – e todos os que decorreram dele - vieram a se suceder. Isso não é válido para ninguém além de alguém que talvez, possivelmente, quem sabe chegue a querer saber, mas, em respeito a essa possível curiosidade, informo desde já. Pois os textos inúteis são assim, sempre muitíssimos bem informativos no que diz respeito aos assuntos que nada dizem (e a respeito de nada). Sendo então este um texto vazio em seus objetivos, lhes diz que era uma adolescente contando três

verões a menos do que sou hoje, mas que fique bem claro que quem diz é o texto - e não eu - pois apenas falo, sequer escrevo (não querendo tirar os créditos da minha querida Dona Coordenação Motora). Ou seriam meus dedos os verdadeiros responsáveis? Quem sabe as mãos também não sentiriam ciúmes se os cabides dos anéis de prata herdados da vovó levassem todo o crédito, afinal, já são tão bem mimados toda semana pela manicure zelosa... Porém, os cabideiros carnis reivindicariam alegando que as mãos que possuem a sorte grande, pois elas sim são paparicadas a cada novo aperto de novas ou velhas conhecidas e beijadas em emocionantes gracejos. Esta aí um problema sério a ser resolvido!

Mas hoje é o dia das coisas sérias, hoje é segunda, ou terça, ou domingo, hoje é feriado e hoje é dia de pagamento. Hoje são todos os “qualqueres” dias, porque não importa mesmo que dia é hoje, já que todo dia é dia de alguma coisa, pra qualquer coisa que se venha a fazer ou para que nada seja feito, afinal, tenho 20 anos e nessa idade tenho muito o que fazer, ler, estudar, escrever, responder, questionar, dançar, pular, beber, gritar, tr..., enfim. Só não posso respirar. Não, não, não, respirar não pode não. Tudo o que um jovem de 20 pode ter é pressa, senão não tem graça. E um jovem sem graça não é jovem, é um estagiário de Arquivologia em escritório de contabilidade!

Brincadeiras à parte, por favor. Dessa vez foram a minha boca e as intrometidas cordas vocais que morderam a língua, e esta fofocou às mãos e aos dedos, então a presente calúnia acabou saindo. Mas não vou apagar isso daqui não, porque todos os meus nervos, músculos, ossos ou leucócitos (?) possuem grande livre arbítrio por meus escritos sem valor histórico e afetivo. E tudo o que é mais importante não tem validade alguma para nada além de ser. Confuso isso? Eu sei... Devem tomar cuidado para que o nível superior não torne suas mentes fechadas demais com o fabuleux conhecimento intelectual, rapazinhos! Essa coisa com cheiro de suco de cevada, xérox e mofo chamada faculdade é tiro e queda em matéria de amnésias sonhadoras, desintegrações de planos mirabolantes ou daquelas pérolas geniais que só estudantes de ensino médio são mentalmente capazes de criar. Ou vocês acham que Einstein não devia ser tachado de louco pelos outros moços?! (Desculpem o termo, não conheço as zoações usadas na Alemanha em 1896 – um erro imperdoável).

Não somos ninguém, “nenhuns-alguns-ou-algúens-joãos-sabem-se-lá-quens” para dizermos os malefícios e os brindes adquiridos ao se fazer um nível superior (longe de nós, ui-ui-ui), mas eu e minhas glândulas salivares estamos dispostas a lhes entupir de muita matéria sem sentido e questões inquestionáveis, prontas a lhes tirar a tão bem exposta e orgulhosamente descrita em *curricula vitae* (isso é mesmo utilizado no plural de *curriculum vitae*?) perspicácia.

Afinal, seria em vão tentar atrair a atenção desta juventude tão carente de “futilezas” com alguma citação pomposa... E é isso que eu quero, é o que mais almejo em minha longa carreira de escritora de redações colegiais e diários íntimos por essa estrada que percorro já fazem quase 21 verões: Chamar a atenção para ser lida, ouvida, interrompida e quem sabe até, zoada de Stephenie Meyer tupiniquim. Ta, essa última parte é mentira, mas no fundo essa é a razão de quase todos os escrevedores maníaco-psicóticos deste planeta praia em que habitamos. Todos querem um pouquinho de atenção de alguém além de suas fãs incondicionais (vulgo “mães-avós-e-tias”) ou apenas acreditam (os) que há algo de suma importância para o futuro da humanidade que precisa ser revelado com urgência – e esse é o meu caso. Mas, como o meu espaço já acabou, isso fica pra próxima edição mesmo...

** Chica Blanco*

5º período de Arquivologia – UNIRIO

Uma Arquivística “tranquila”

*Por prof. João Marcus F. Assis**

Este título faz referência ao livro de Graham Greene “O Americano tranqüilo” (1955), onde o autor retrata a presença de um enviado americano à guerra da Indochina (1946 - 1954) que, de maneira ingênua procura mediar as disputas dos grupos em confronto, porém sem um maior conhecimento sobre as forças reais das partes envolvidas. O que isso tem a ver com a Arquivística? Tentaremos explicar adiante. Para os que me conhecem não será estranho perceber que, ao tratar da temática arquivística tangencio pela Sociologia. Como campo de complementação e afunilamento de minha formação acadêmica, o interesse sociológico me possibilita olhar a Arquivística como um “estrangeiro”, ou seja, como aquele que pertence

a dois mundos. Isso me permite identificar elementos que aproximam e que diferenciam duas realidades. Outro alerta: não faço aqui um texto com o rigor acadêmico de um artigo, mas só jogo ideias, pensamentos e questionamentos ao ar. A quem interessar...

Desde minha formação acadêmica em Arquivologia me causava estranheza a ausência de conflitividade em seu fazer, em suas teorias e práticas. Dizem que os Cientistas Sociais arrumam problemas onde eles não existem (chifre em cabeça de cavalo). Deve ser verdade, pois foi um sociólogo das primeiras horas que me ajudou a pensar em um possível caminho de reflexão sobre essa ausência de conflitos. George Simmel (1858 - 1918), em seu trabalho sobre o conflito¹ vai, contrariamente ao pensamento corrente de sua época, observá-lo em sua positividade. Não vou me estender nessas questões por serem complexas demais para serem tratadas com a superficialidade a que este pouco espaço me impõe. Quero somente ressaltar alguns pontos das idéias desse autor a fim de jogar para vocês algumas provocações, ou seja, estimular um debate, motivar que falem (*provocare* = fazer falar).

Segundo Simmel, o conflito permite uma identificação das forças reais que conduzem a construção do mundo social. Sua ausência produz a falsa impressão de um conjunto harmonioso onde o social pode ser pensado como uma perfeita coesão, fazendo imaginar que as forças concorrem sempre, e todas, para o mesmo fim. Não é sem sentido que ele analisa os processos de arregimentação e harmonização de forças contrárias, por parte de poderes centrais, ou seja, eliminar ou organizar os conflitos seriam condições da manutenção de poder concentrado em uma pessoa ou grupo. "Oficializar" a possibilidade de distribuir organizadamente (e assim desequilibradamente) os conflitos, delimitar e indicar onde estão as forças discordantes para melhor combatê-las são estratégias de Estado. Ao contrário, valorizar as equiparações de forças díspares permite o confronto que pode produzir algo novo. Enfim, as forças em oposição distribuídas de forma equilibrada, conduzem à interação e afirmação dos grupos. Faz reconhecer e respeitar um "outro".

E a Arquivística, o que tem a ver com isso? Nada, podem dizer os "tecnicistas". Tudo, podem dizer os que se interessam pelo cumprimento de seu

papel social. A diminuta quantidade (e qualidade) de debates, a quase ausência de Arquivistas em diálogos, em especial com outros campos de conhecimento, as pouquíssimas constituições de arenas e fóruns de discussão nos permitem pensar sobre a (não) vitalidade do campo. As monografias e trabalhos meramente descritivos, assim como a carência de leitura e de bibliografia podem demonstrar quais condições de conflitividade? É no confronto de ideias que as Ciências constituem suas identidades. Ao que parece estamos ainda propondo uma Arquivologia pacífica, tranquila, a qual serve bem como instrumentalização de poderes governamentais e financeiros. Afinal, para quais fins servem as informações com as quais lidamos? Não nos dizem respeito? Não é necessária a reflexividade? Onde se encontram os debates que realmente produzem novos rumos, posicionamentos mais firmes, embora não insentos de permanentes questionamentos?

Entre arquivistas e interessados no campo há muita produção que aponta para essa busca de um "esquentamento" dos debates (Jardim, Albite, Lopes, Malheiro, entre outros). Portanto e por sorte, há caminhos já abertos que podem e devem ser compartilhados.

Bom, são só questões. Talvez panfletárias, talvez sem importância se ainda pensamos a partir de um campo "morno", distanciado e desconectado das práticas sociais, o qual interessa somente como campo de formação de mão-de-obra. Se essas palavras não interessarem, você é livre para desconsiderá-las. Se interessar, pense mais, invista, desinstale-se, torne mais complexo o olhar, não se contente com a harmonia falaciosa que nos isenta das consequências sociais e políticas de nosso fazer arquivístico. #

* João Marcus F. Assis
Professor DEPA/UNIRIO

Homem-X. Arquivo-X. Homem-X, Y, Z?
*Por Bruno Ferreira Leite**

Título de difícil interpretação – é verdade.

É claro que ele não passa uma simples brincadeira. Mas tudo ficará claro e objetivo a partir daqui, prometo. O que quero que extraia deste título é exatamente a seguinte idéia: o homem é o construtor dos arquivos e, também, é

quem os acessa. Mas e os outros homens... Acessam? Sim? Quem? Por quê? Pra quê? E nós, o que temos a ver com isso? Nada?! (muitas interrogações e nenhuma resposta. Eu sei. Na realidade, confesso, é mais fácil as expor que respondê-las).

O direito de acesso aos arquivos são questões, por vezes, delicadas e dependem de interesses e disputas. Cabe lembrar que envolve o poder político dos agentes envolvidos, podendo não reduzir-se somente a força de persuasão de cada um. Portanto, percebemos algumas peculiaridades do arquivo, tais como a possibilidade de interpretarmos realidades, fatos e provas em seus registros e, sobretudo, algumas disputas que eles protagonizam. Logo, por assim pensar, enxergamos vários campos de estudo para a Arquivologia que, aparentemente possa parecer monótona, no entanto, com um pouco de imaginação nos permite vislumbrar inúmeras matizes de assuntos a serem explorados, mas claro, se tivermos percebido que "(...) quase tudo que vemos tem origem em documentos, ou tem relação com eles" (COUTURE, Carol e ROUSSEAU, Jean-Yves, 1994, p.38).

Voltando a idéia do início do texto, podemos então pensar "arquivisticamente" sobre várias questões relevantes para nossa sociedade, por exemplo, o acesso a documentos produzidos durante o período do regime civil-militar brasileiro; nossa participação em políticas públicas de responsabilidade ambiental na produção documental; nossa influência nos rumos que são dados a burocracia em detrimento da participação e conhecimento que temos sobre seu funcionamento; o papel que podemos ter enquanto agentes sociais com possibilidades culturais e políticas, além de administrativas, técnicas ou burocráticas. Ou seja, quero dizer que organizar um arquivo faz-se necessário para racionalizar a realização de objetivos, porém o acesso a determinadas informações dentre outras questões não devem estar acolá² de nossos interesses.

Por vezes, o arquivista desempenha com louvor suas funções ditadas pela universidade. Desde a análise de conjuntos documentais até a produção de instrumentos de pesquisa. Porém, neste processo o arquivista buscou estudar, filtrar, organizar e dar acesso a documentos aos seus usuários em potencial. E isso nos remete a dois questionamentos: a) Como e por quem são filtradas essas informações? b) Quem são esses

usuários em potencial? Mas como resolvê-las "arquivisticamente"? Serão estes problemas nossos?

Por fim, será o arquivista um cumpridor de objetivos institucionais, ocupante de um cargo burocrático e sem capacidade político de interferir em questões que envolvam o acesso aos documentos? Ou não?

**Bruno Ferreira Leite
5º período de Arquivologia – UNIRIO
Membro do Diretório Acadêmico de
Arquivologia – DACAR*

NOTÍCIAS

-PARABÉNS ARQUIVISTA

Dia 20 de outubro de 2010 vamos comemorar mais uma dia do arquivista.

Parabéns para nós.

- Implantação de Banca de Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC2) para os formandos de Arquivologia

"Depois de enviarmos documento à Escola e à Direção de nosso curso, recebemos a boa notícia que se segue. Teremos um espaço para tirarmos nossas monografias das gavetas e apresentar nosso estudo a público. O que não deixa de ser uma forma de avaliarmos a nós mesmos e ao curso"

Diretório Acadêmico de Arquivologia – Gestão 2009/2010

"Foi colocada em discussão a possibilidade de ser adotada a defesa de trabalho de conclusão de curso, de forma que os alunos façam a defesa pública de suas pesquisas. Além de já haver conversas anteriores entre a direção da Escola, a chefia do Departamento e alguns professores do curso, indicando o desejo de que isso acontecesse, houve um documento do Diretório Acadêmico encaminhado à Escola e ao DEPA, solicitando que essa prática fosse franqueada dos alunos que assim desejassem. Várias questões foram discutidas sobre as implicações acadêmicas e administrativas, principalmente no que diz respeito ao cumprimento do calendário acadêmico em relação ao lançamento de notas e

de colação de grau. Após amplas discussões e apresentações de sugestões ficou definido que serão criados dois seminários, um em cada início de semestre letivo onde alguns alunos serão convidados a apresentar seus trabalhos, além de alunos que se ofereçam voluntariamente para tal. Esse seria um modelo experimental e/ou de transição para que posteriormente possa ser feito de outra forma, com todos os formandos. A partir das discussões levantadas sobre o assunto da elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, foi decidido também a obrigatoriedade, a partir do próximo semestre de que cada aluno tenha um professor orientador e que sejam criados mecanismos para controlar, garantir e amparar a atividade de orientação entre os docentes e discentes. A professora Anna Carla esclareceu que essa era uma preocupação da direção e dos professores da Escola há tempos, porém não havia a possibilidade de implantar as mudanças necessárias devido ao pouco número de professores, o que agora pode ser feito, contando com o apoio de todos.”

*Extraído da ATA de reunião do DEPA/UNIRIO.
Fornecida pela direção da Escola do curso de
Arquivologia.*

- ELEIÇÕES PARA O DACAR – FAÇA JÁ A SUA CHAPA!

- ELEIÇÕES PARA O DACAR – FAÇA JÁ A SUA CHAPA!

- Estarão abertas as inscrições de chapas para se candidatarem à gestão 2010-2011 do Diretório Acadêmico de Arquivologia/UNIRIO;
- Segundo o Estatuto do DACAR, é permitido no mínimo 3 (três) e no máximo 8 (oito) integrantes por chapa. Todos deverão ser do curso de Arquivologia da UNIRIO;
- Só podem integrar cada chapa, o máximo de 3 (três) discentes do mesmo período;

Calendário das Eleições:

4/10/2010 – Publicação do Estatuto do DACAR no Mural do Curso;

11 a 18/10/2010 – Inscrição das chapas via e-mail: < florasineiro@bol.com.br >

19 a 22/10/2010 – Campanha dos componentes das chapas;

25/10/2010 – Debate entre os componentes das chapas;

26 a 28/10/2010 - **ELEIÇÃO**. Atenção: a URNA ficará no 3º andar do CCH para votação de 17:30h às 19:30h, nos respectivos dias das eleições.

Comissão eleitoral: Priscila Guedes (História), Bruno Leite (Arquivologia) e Renata França (Arquivologia)

JORNADA ARQUIVÍSTICA

Inscrições para apresentação de trabalhos estão abertas com a Direção da Escola.

PROCURA-SE UM CHARGISTA

**É, já entendeu, né! ?
Entre em contato URGENTE
conosco para ser o chargista do
nosso jornal!**

Para solicitar uma cópia digital do Jornal, enviar o seu texto, notícia pertinente ou comentário entre em contato conosco.

Contatos

Bruno Ferreira Leite
brunofl.arquivo@gmail.com
Flora Sineiro de Souza
florasineiro@bol.com.br